

Dados da Ficha

Palavras-chave	Paisagem, cerraria, madeira, lavoura, desmatamento.
Entrevistada:	Doralina Bornagui Bedin (DBB)
Idade:	67 anos
Entrevistador:	Gil Karlos Ferri (GF)
Data da Entrevista:	25/09/2017
Transcrição da entrevista:	Gustavo Alexandre Wegner Ferreira

GF - Aham, então tá. Hoje é dia 25 de setembro, estamos aqui na comunidade de Caravaggio, seu nome completo é?

DBB - Doralina...

GF - Doralina (Cochichos).

DBB - Bornagui.

GF - Com “B.O” ou “B.U” o da senhora? Tem uns Burnagui né.

DBB - É com “B.U”.

GF - É com “B.U”.

DBB - Bornagui.

DBB - Não “O” ali...

GF - Aaa! O seu é “O”.

DBB - O meu é “O”.

DBB - É “GUP”.

GF - Aham!

DBB - Por que tem alguns que tem o H.

GF - Tem no final que mudam né o H, aham.

GF - É Bedin?

DBB - Bedin.

GF - Uhum

GF - A senhora nasceu quando Dona Doralina?

DBB - 08 de Agosto de 1950

GF - Eu sou de agosto também, sou do dia 31.

DBB - [Risos] Aé.

GF - E a minha namorada no outro dia, dia primeiro de setembro.

DBB - Olha só.

GF - Né

DBB - [Risos]

GF - Um dia um, outro dia outro.

GF - 1950...

DBB - Isso.

GF - A senhora nasceu aqui ou em outra localidade?

DBB - Sim

GF - A senhora é? De que profissão? Aposentada?

DBB - Sou professora aposentada.

GF - Reside na comunidade Nossa Senhora Do Caravaggio.

DBB - Isso.

GF - Então vamos para as questões agora.

GF - A quanto tem a senhora vive aqui neste local?

DBB - Desde que nasci.

DBB - É desde que nasci.

GF - Pode ir falando para mim, que depois vou usar mais a gravação mais, e vou transcrevendo daí vou só fazendo as anotações aqui para pra não perder o “Fio da meada”.

DBB - Sim.

GF - Como era a paisagem aqui deste local quando a senhora era criança? Era mais ou menos aqui neste lugar que vocês viviam ou mais....

DBB - Não. Era 1Km, 1,5Km ali para baixo.

GF - Mais em sentido do Rio Pelotas.

DBB - Sim.

DBB - Até a terra do meu pai faz divisa com o Rio Pelotas.

GF - Já dava para o Rio Pelotas.

GF - As roça que vocês faziam era pra banda do rio lá.

DBB - Tudo, tudo para lá.

GF - A terra é boa né.

DBB - Justamente.

DBB - Não precisava nada pra de...

GF - Adubo.

DBB - Adubo e nada né.

DBB - Era uma paisagem muito linda, olhando hoje e olhando aquela época, meu Deus.

GF - A diferença né.

DBB - A diferença, porque aqui ó essa estrada era só uma estradinha onde passava...

GF - Era a geral.

DBB - Era a geral.

DBB - Passava aqui essa estradinha, aqui um carro de boi.

DBB - Que era o transporte naquela época.

GF - Ou a cavalo né.

DBB - Ou a cavalo quem tinha.

DBB - E aqui era tudo mato, na maioria pinheiro, Araucária.

GF - Mata de Araucária.

DBB - A gente andava assim por cima dos pinhões.

GF - Do tanto que tinha.

DBB - Do tanto que tinha, a gente juntava assim ó com um saco...

GF - Na sua época não tinha nenhuma madeireira ainda?

DBB - Logo em seguida ali, eu ainda era uma menina a Serraria dos Dalfarra.

GF - Essas gentes vieram do Rio Grande Do Sul.

DBB - Essas gentes vieram da banda do Litoral de Santa Catarina.

GF - Da Serra Baixa.

GF - E não chegou ficar nenhum descendente deles por aí?

DBB - Aqui não.

DBB - Tem em Lages.

GF - Mas eles não chegaram casar com ninguém daqui?

DBB - Não

GF - Tem uns que acabam se misturando né.

DBB - Eles ficaram uma temporada aqui só.

GF - O Laurindo não acabou comprando pinheiros aqui?

DBB - Não, foi os Dalfarra que tinham esta serraria aqui.

GF - Eles tinha serraria aonde?

DBB - Então, era no terreno onde agora é dos Pelozzato.

GF - Certo, ali onde é minha prima Evelini?

DBB - Isso, justamente.

GF - Eles beneficiavam as madeiras e levavam.

DBB - Exatamente, simplesmente despachavam.

GF - O mercado aqui absorvia muito o pessoal, os colonos?

DBB - Não, era cada um por si aqui.

GF - A madeireira só despachava para fora?

DBB - Isso.

GF - A senhora analisando era uma madeireira de grande porte?

DBB - Sim.

DBB - Em vista do pinhal que tinha.

GF - Então se avaliar assim que dessa pesquisa que o foco é a mudança de paisagem, uma das grandes coisas que mudaram a paisagem foi a madeireira.

GF - Digamos limpando os terrenos para as lavouras serem feitas.

DBB - E bem no início aqui quando chegou os primeiros habitantes, eles derrubavam os pinheiros para fazer lavouras, ai deixava apodrecer.

GF - Por que não tinha como aproveitar né, tinha demais.

GF - Hoje que a gente estuda que tem importância, por que no passado.

DBB - Hoje nós não temos um pinhão pra comer.

DBB - Eu por que plantei e hoje estou colhendo, meu Deus do céu até na terra do pai ali nós tratávamos os porcos.

GF - Verdade, o pessoal contava que tratavam os porcos com pinhão.

DBB - Hoje nós lembramos até com certa tristeza.

GF - O tanto que mudou né, é inacreditável de ver quer era uma mata fechada, hoje a gente olhando aqui não daria pra ver muitas casas lá pra cima, nós veríamos um matão né.

GF - A Diferença de habitantes de quando a senhora era criança tinha mais? No caso tinha escolinhas bastante criancada ou hoje tem mais?

DBB - Criancada tinha mas, só que não tinha tanta gente, por que as famílias era numerosas.

GF - A sim, onde tinha uma família tinha aquele povo.

DBB - Sim, dez, onze crianças.

DBB - Tem uma família aqui que tem uma senhora que teve 15 filhos.

GF - Por isso que dava a impressão que tinha tanta gente.

DBB - Era bem poucas famílias.

GF - Em base hoje tem mais famílias?

DBB - Hoje tem mais, mas os filhos são em media três.

GF - É também tem isso aqui.

GF - Aqui nessa mata que a senhora conheceu, além do pinheiro né que é oque mais se destacava, quais as outras espécies de árvores que a senhora lembra.

DBB - Tinha o cedro, amarelinho que é uma espécie de canela.

GF - Tipo uma canela lageana né.

DBB - Isso.

GF - Mas o pinheiro se destacava?

DBB - Isso, o pinheiro se destacava.

GF - Essa madeireira lembra deles serrarem esses tipos de madeira ou só o pinheiro mesmo.

DBB - Mais o pinheiro mesmo.

GF - E de animais oque mais se destacava?

DBB - Tinha de tudo, nambu, esses passarinhos que já estão quase em extinção, eles vinham comer no terreiro da gente.

GF - E no passado até se tornava um problema, por causa das lavouras e tudo mais.

DBB - Tipo, você queria fazer uma polenta com carne, era carne de caça.

GF - Então ajudado até na alimentação né.

DBB - Por que a gente tinha uma vida muito pobre, no geral éra muito difícil, nós não passamos fome, mas passamos muita necessidade, eu me lembro que as vezes as colheitas não tinha como vender, porque tinha dado uma montoeira.

DBB - Lembro que tinha um casal que colheu muitos sacos de feijão, e eles não conseguiram vender e tiveram que despejaram tudo atrás da casa deles assim sabe, dai apodreceu e ficou pra adubo.

GF - A falta de mercado, falta de incentivo, falta de tudo né.

GF - Por aqui Celso e Anita eram um fundão né.

DBB - E esses animais a gente lembra né, paca, cutia, capivara, porco do mato...

GF - Então a caça que trazia o alimento né.

GF - Por eu lembro que o meu pai ensinou a caçar por diversão né, e aquela época não, era caçar por alimento né.

GF - Lembra qual a época que a serraria dos Dalfarra funcionou? Quando a senhora era criança, a senhora viu eles chegarem ou eles já estavam?

DBB - Eu lembro assim deles...

GF - Então eles já estavam, ali pela década de 50, e até quando que encerram mais ou menos?

DBB - Ai eu não lembro, eu era mocinha já.

GF - Já tinha casado?

DBB - Não, eu tinha....

GF - Então foi antes da senhora casar?

DBB - Sim, foi muito antes.

DBB - Quando eles terminaram eu tinha uns 15 anos eu acho.

GF - E no geral qual a mudança que a senhora pode observar na paisagem, o que a senhora tinha dito as matas terem dado o lugar para as lavouras...

DBB - Justamente, bem no fim a gente sente essa mudança né, o desequilíbrio da natureza.

GF - É né, a história cumpre o papel de registrar mas voltar não volta.

DBB - Olha aqui quando eu casei, estavam derrubando o mato fechado, pra fazer a casa.

DBB - A gente viu queimadas, queimavam até madeiras de lei tudo.

DBB - Aqui onde nós mudados, nós derrubamos tudo para fazer a nossa propriedade.

GF - É né que nem diz os meus professor, a gente em história nunca faz juízo muito mas registra e anota que teve mudança, para as próximas gerações perceberem que nunca foi assim, as vezes o pessoa vê um pasto “a mas sempre foi assim”, nunca ali podia ser uma araucária, uma mata fechada que foi tirada e estocada.

DBB - O meu pai lascava o pinheiro e fazia as tabuinhas, para a cobertura da casa, tudo era serrado naquela serra que era de dois né.

GF - E como era praticada essa agricultura na propriedade quando a senhora casou?

DBB - A maioria é era queimada, dai os tocos de madeira iam apodrecendo e destocando e ia melhorando a propriedade.

DBB - Tudo sem o agrotóxico né.

GF - Não tinha né, era tudo na base do adubo.

GF - E o vocês mais plantavam?

DBB - Nós plantávamos arroz, feijão, milho, e depois as miudezas né, batata doce, batatinhas, pra consumo né.

GF - E como a senhora analisa a relação assim de...

GF - Quando senhora casou, como era a mistura do pessoal que vivia aqui? Mais caboclo, mais descendentes de italiano, se intendiam bem, no inicio não teve diferenças.

DBB - A maioria era de origem italiana então teve outras pessoa, uns caboclos, umas pessoas de pele morena, quase preta, mas a relação era muito boa, oque eu lembro assim é de uma senhoras que bordavam, e elas pretinhas, mas era um bordado lindo, mas a gente se dava muito bem com eles.

GF - Como é que a senhora avalia as construções das barragens? Oque colocaria de benefícios e prejuízos?

DBB - Nós fomos atingidos aqui no terreno no rio Pelotas, eu acho que ela trouxe benefícios, achei uma coisa boa essa marquem do rio, essa proteção com o reflorestamento, que não pode desmatar tantos metros, essas coisas foram muito boas, também trouxe benéficos para o município, se o município usasse melhor, por que a gente escuta que vem dinheiro e não sabe pra onde que vai.

DBB - A gente ve esses agricultores, eles cobram até a viagem para trazer uma carga de esterco, para um colono, com a maquina da prefeitura.

GF - Eles cobram até o óleo, e o motorista.

DBB - Tem que pagar a carga de esterco e mais viagem para trazer, eu acho ridículo isso.

GF - Sabendo que a prefeitura ganhou para isso com o dinheiro da barragens, que não é todo lugar do mundo que tem né.

DBB - Justamente.

DBB - Porque tem pessoas que não tem condições né, as vezes eles tiram coisas que é necessário de dentro da família para pagar uma carga de esterco, eu acho que eles podiam favorecerem um pouquinho.

GF - Então o maior problema esta na aplicação dos recursos.

GF - Então como a senhora analisa a relação do pessoal de Celso Ramos com a natureza.

DBB - Diminuiu, também por causa da lei que proíbe isso, só que a gente tem tristeza de ver esse desmatamento que acontece, eu acho que deveriam preservar um pouquinho mais a natureza né.

GF - Um pouco do problema é do governo que não consegue cuidar disso.

DBB - Justamente, se tivesse um pouquinho mais de ajuda das autoridades competentes, talvez as coisas seriam bem melhor.

GF - Mas é isso acho que já peguei bastante informação, Agradeço.